



Campo Minado, uma coletiva em A Sala *Mine Field, a group exhibition at A Sala*

Alice Porto dos Santos

ORCID: 0000-0001-6946-8048
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Kelly Wendt

ORCID: 0000-0002-1292-090X
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Martha Gomes de Freitas

ORCID: 0000-0003-2792-4097
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Resumo

A resenha apresenta a exposição Campo Minado, realizada em Pelotas no ano de 2019, a partir de aproximações entre a ideia de trauma e a arte feminista recente produzida nesta cidade. Nesse sentido formulam-se compreensões que perpassam o título da mostra como um dispositivo poético para articular um posicionamento ativo diante do contexto que se propõe desde esse encontro.

Palavras-chave

Campo Minado. Arte feminista. Arte contemporânea. Trauma. Pelotas.

Abstract

This review presents the exhibition Minefield, held in Pelotas in the year 2019, stemming from approximations between the idea of trauma and recent feminist art made in this city. In this sense, some understandings that permeate the title of the exhibition are formulated as a poetic device in order to articulate an active positioning towards the context that has been brought up from that confluence.

Keywords

Minefield. Feminist art. Contemporary art. Trauma. Pelotas.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.45
Jan/Jun 2021
e-ISSN: 2179-8001

Esta resenha aborda a exposição *Campo Minado*, apresentada na Galeria A Sala, na Universidade Federal de Pelotas, em maio de 2019, a partir de três perspectivas que se cruzam, a da curadora da exposição, a da coordenadora do espaço expositivo e a de uma das artistas participantes.

Em comum entre as envolvidas com esta exposição está a relação com a cidade de Pelotas, atravessada pela formação de graduação dentro do curso de Artes Visuais da UFPel, instituição onde se desdobram ainda as atividades de docência de duas delas. Este contexto põe em fricção reflexões que permeiam diferentes gerações, períodos distintos de formação, mas que se encontram neste momento à procura de uma discussão maior.

Partindo do grego, trauma significa ferida e aqui diz daquilo que produz incômodo e requer uma tomada de posição, marca uma situação de enfrentamento, passando pela escala do sujeito, do individual ao coletivo.

Desde já nos alinhamos com a relevância do gesto mínimo de protesto suscitado por Didi-Hubermann (2017) quando o autor nos diz da escala dos levantes como algo que, mais do que um efeito direto individual em uma cadeia causal, é aquilo que integra um movimento.

Neste texto, daremos ênfase às possibilidades do que possa ser entendido como trauma dentro do recorte desta exposição, levando em conta os trabalhos apresentados, mas sem deixar de lado o fato desta mostra estar colocada dentro de um espaço expositivo de uma instituição de ensino federal.

A ferida, e a tensão que a partir dela se instala, diz de algumas forças que se apresentam nesta instituição e, portanto, onde cabe a consciência da necessidade de manutenção da diversidade para trazer à tona as discussões pertinentes à coletividade. Salientamos o quanto, a todo momento, precisamos reafirmar a importância da universidade pública e gratuita. Um lugar de construção de conhecimento que propõe seus espaços de visibilidade como oportunidades de reflexão e crítica, promovendo a discussão por meio de diferentes falas, e a construção de uma sociedade mais democrática e plural (Fig. 1).



Figura 1: Vista geral da exposição *Campo Minado* no momento da conversa com as artistas, a curadora e a organizadora da mostra.
Foto: Kelly Wendt

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.45
Jan/Jun 2021
e-ISSN: 2179-8001

A partir da prática curatorial se estabelece uma relação de atenção, de percepção sobre situações plásticas que se apresentam sob este título que opera como um espaço de força coletiva. Em seu sentido mais usual, campo minado é uma área que projeta um cuidado para além de suas dimensões, visto que a carga explosiva, a mina, está no subterrâneo e, portanto, não nos deixa identificar o ponto exato de sua ativação. Abre-se um imaginário aí.

Enseja-se assim, com este pensamento, uma reação a essa situação de trauma, no que diz respeito a cerceamentos de diferentes ordens, limitações a partir de papéis de gênero culturalmente preconcebidos. A ferida então, nesse contexto, diz de uma lesão que se impõe pela não compreensão do valor daquilo que é diferente da ordem hegemônica supostamente neutra.

Dentro de Campo Minado, reforçamos a vontade de diálogo a partir da exaltação dessas concepções, salientando que mina é também uma expressão coloquial que se refere ao sexo feminino. Pontuamos que: "Libertar-se, para a mulher, não significa aceitar a mesma vida do homem, pois isso não é factível, mas expressar seu sentido de existência" (ACCARDI; LONZI; BENOTTI; 2019, p. 46).

Nos deteremos a seguir nos trabalhos presentes, na peculiaridade de olhares que dizem de um desejo de pôr em evidência distintas formas de reagir a um contexto que sabota a potencialidade das diferenças. Minar esse contexto é abrir espaço para outras inserções, outras perspectivas.

Ao dar-se visibilidade a tais produções, seja através da mostra ou ainda desta resenha, constituem-se inegavelmente formas de investir no pensar sobre as mulheres e manifestações realizadas na intersecção entre arte e ativismo feminista na cidade na última década¹.

Estabelecemos assim um percurso entre o campo minado e a sala, o que pode ser abordado a partir de relações que dizem respeito ao espaço público e ao espaço privado, mesmo sabendo que estas posições não são estanques. Entre um e outro espaço há provocações que deixam vir à tona posicionamentos que em grande medida atravessam o corpo e os seus comportamentos para além dessas divisões.

Nesta exposição há vídeos (Fig.2), fotografias, objetos, desenhos, múltiplos, registros de performances, etc. (Fig.3). Optou-se neste processo de apresentação das obras, por uma escrita que perpassa os trabalhos a partir de seus títulos, suas características, ao invés da autoria, imaginando-se assim que a ideia de um campo possa se colocar melhor através da construção de um relevo de situações. Nesse sentido, seguindo a analogia de percurso do título da resenha, criamos um olhar para o leitor que vai do chão ao resto do ambiente, percorrendo um território em alerta.

1- Dentre as quais gostaríamos de destacar, a propósito dessa discussão: o livro *O útero é do tamanho de um punho* (2012), de Angélica Freitas; a performance/manifestação do Grupo Auto Organizado de Mulheres da UFPel no saguão do Instituto de Ciências Humanas da UFPel (2015); a zine coletiva *Xoxotas de Pelotas* (2016); e os diversos pixos poéticos/ativistas que recobriram a cidade nos últimos anos e podem ser encontrados no centro histórico e arredores, principalmente no entorno do Centro de Artes da UFPel.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.45
Jan/Jun 2021
e-ISSN: 2179-8001

Já na entrada do espaço expositivo temos Capacho, uma peça composta a partir de uma montagem realizada com esponjas de louça, essas em verde e amarelo com lados diferenciados em seu poder de abrasão, este objeto banal e doméstico. Em cada uma delas há uma área preenchida com pregos que, no conjunto, lemos como o desenho de um losango, reverberando juntamente com a cor, uma memória da bandeira nacional. Os pregos, além de configurarem este losango, dando unidade ao conjunto, também deslocam por seu comprimento, as esponjas do rés do chão, conferindo-lhes um destaque maior. É interessante, em Capacho, uma leitura através de um momento político que se acionava pelo resultado ainda recente das eleições presidenciais e a forma como a bandeira brasileira passou a dizer respeito a um grupo específico de eleitores. Nesse sentido, os pregos ainda podem sugerir uma certa violência, uma qualidade do que é rude e que permeou este momento.

Figura 2 À esquerda: Captura de vídeo - Blow in. Ao centro: Captura de vídeo - sem título. À direita: Captura de vídeo - Rastreado o ortsar. Capturas: Martha Gomes de Freitas



Figura 3: À esquerda: Vista da exposição com os trabalhos - Fiada, Trama, Ação vermelha (na parede), e Vertigem (no chão) À direita: Vista da exposição com os trabalhos - Made in Musa, Senhas inválidas (na parede ao fundo), Duas e quatro cadeiras, Rente e Vertigem (ao centro). Fotografias: acervo da galeria A Sala/Centro de Artes da UFPel.



Dentro da sala, seguindo esse percurso do chão, próprio à leitura do título da mostra, cruzamos por um trabalho que se coloca em negociação com nosso deslocamento. Vertigem já traz no título um questionamento que aproxima as definições de desenho e o corpo que o encontra nesta delicada verticalidade, neste campo da experiência. A partir de folhas de ofício, folhas de papel A4, utilizando-se da dobra, procedimento cotidiano próprio ao material, a artista cria a resistência necessária para que estes pequenos planos passem a ser pontuações no espaço. Estas folhas eretas destinam-se a quem caminha, qualquer tropeço aqui seria um problema grave de leitura, de atenção. Em sua fragilidade, em sua quantidade, Vertigem nos permite afirmar que o chão está minado, logo, meu corpo se percebe a partir dele.

Negociando com esse plano baixo, mas subindo pela parede, ocupando uma fatia mínima de quase todo o pé direito do ambiente, está Do rigor. Trabalho que apresenta um conjunto de caixas - molduras, ora fechadas, deixando ver através do vidro,

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.45
Jan/Jun 2021
e-ISSN: 2179-8001

em dobras miúdas, um tecido claro e liso. Ora abertas, deixando sair pedaços contínuos disto que poderia ser toalha, lençol ou forro, mas que se comporta como algo que extravasa esse continente inicial, realocando-se em seguida, alinhadamente, sobre uma pilha de louças brancas dispostas na intersecção entre o chão e a parede. Tal trabalho, através das dobras e escapes do tecido, junto do ordenamento trazido pelos objetos, nos permite uma aproximação com os acontecimentos domésticos, as compreensões de manutenção e modos de convivência que eles envolvem, historicamente invisibilizadas e relegadas ao feminino.

Na exposição ainda há um vídeo da mesma artista, onde copos e taças, aparecem sendo lavados e apresentados em grande quantidade. Pela transparência de tais objetos podem ser construídas associações com a água, elemento que surge em outras imagens, onde temos parte do rosto submerso a liberar bolhas de ar pela boca, pontos de tensão e ruptura. O vídeo inicia e termina com cenas de um grande lustre mostrado numa pequena vitrine, onde, dadas as proporções, o objeto se configura como um elemento agigantado, desconcertante, em diálogo com o próprio corpo.

Ainda nesse espaço intermediário, nesta passagem que estamos construindo desde o chão, temos o trabalho *Duas e quatro cadeiras*. Nessa peça encontramos apenas a estrutura de duas cadeiras já usadas, em metal prateado, sem assento ou encosto, encaixadas de modo a se tornarem uma só. Este objeto idealizado para colocar o corpo entre o repouso e a atenção, nesse entrelaçamento faz ressoar aspectos de intimidade, não só no sentido da apropriação de objetos do espaço doméstico, mas também e sobretudo no que pode ser sugerido ao corpo, principalmente quando pensamos que os quadris também podem ser tomados por cadeiras. Ao usar as cadeiras como duplo de si, a artista remete a um imaginário homoafetivo.

Um certo sentimento de vulnerabilidade pode ser discutido em *Senhas Inválidas*, conjunto de desenhos que formam um painel maior a partir de colunas em que a mesma imagem se repete de cima a baixo, avançando um pouco pelo chão, articulando-se em diferentes alinhamentos o desenho original e suas cópias.

As imagens ali criadas podem despertar essa percepção na medida em que trazem o corpo feminino nu, em diálogo com uma visualidade que se coloca a partir de registros diários, micro narrativas cotidianas que exploram certos padrões e expectativas sociais da imagem da mulher numa organização gráfica ora mais solta, ora mais sequencial. A imagem/corpo se coloca como múltiplo, exposto pela facilidade da reprodução que desdobra o gesto inaugurado no desenho, tornado-o público - publicável, através da repetição, remetendo também ao papel da mídia impressa nessa discussão.

Entre as cadeiras e o painel de desenhos, temos suspenso na sala e neste imaginário do corpo, *Rente*. Trabalho constituído por um conjunto de roupas íntimas, calcinha e sutiã, redefinidos em sua função de proteção e sedução. Ornamentados com uma malha densa de alfinetes atravessados ao tecido no peito e púbis, estes filamentos metálicos, como pelos endurecidos ou franjas brilhantes, revigoram as peças. Trazem peso e volume ao que era plano, aproximando-se daquilo que diz respeito ao corpo por certas qualidades gravitacionais. Trata-se de um objeto que confronta tato e visão em sensações transpostas, incluindo aí, a vontade do toque, do encontro com o que atrai, mas também, com o que pode ferir.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.45
Jan/Jun 2021
e-ISSN: 2179-8001

Por essa manualidade, esse gesto que compõe a partir de uma insistência das mãos, passamos do alfinete aos pontos da costura, ao momento em que ela desenha. Trama se dá no encontro do bordado com a impressão fotográfica em tecido, exposto no próprio bastidor. No ponto a ponto da configuração simples de pequenas casas coloca-se um exercício de afastamento e aproximação, uma sobreposição entre figura e fundo, uma vez que a imagem do corpo em close, se coloca em suas dobras como uma paisagem orgânica. Os tons usados nos reforçam essa constituição híbrida, casa-corpo-paisagem.

O corpo e a cidade se misturam em *Laico*, um poster colado diretamente sobre as paredes externas da Universidade Católica de Pelotas, que chega à mostra através de uma fotografia adesivada à parede. Uma crítica à ascensão da teocracia ortodoxa na política brasileira, questionando sua influência na autonomia de decisões sobre o corpo da mulher, e de propriedade no que diz respeito ao direito ao aborto.

Essa apropriação de si reverbera também em outro trabalho, nele lemos *Made in MUSA*, logo abaixo de um sinal de ok, onde o espaço entre os dedos forma uma estrela. Tratam-se de impressos dispostos lado a lado, como uma linha de lambes, a ganhar força neste contraste duro da sombra da mão, propondo associações entre símbolos patrióticos e de consumo.

Em *Ação vermelha*, a cor convoca a tudo que pulsa. Esta fotografia mostra parte do corpo de uma mulher vestida de vermelho, tingindo o chão a partir de seu deslocamento em torno de uma bacia contendo um líquido de mesma cor. A imagem presente na mostra faz referência a uma performance ocorrida na praça central de Pelotas e se debruça sobre o corpo como aquilo que cabe defender, fazer respeitar.

Nesse deslocamento que deixa um rastro, convoca-se a percepção de um ir e vir que não é isento de uma série de perigos e condicionamentos.

Explorando essa relação do corpo com o modo como ele se move, temos outro trabalho, *Fiada*. Trata-se de uma sequência fotográfica que apresenta uma mulher esgueirando-se horizontalmente por uma pequena abertura, um vão baixo, presente numa parede bastante desgastada. Há uma postura corporal diferenciada neste trabalho uma vez que o corpo se coloca bem próximo ao chão. Não bastasse este aspecto de quem retorna a uma posição mais animalésca, a mulher da imagem tem o rosto coberto por algo que lhe esconde a face e que ainda faz pender de sua cabeça alguns elementos longos que reconfiguram seus movimentos.

Em outro trabalho ainda desta artista, um vídeo paralelo às fotografias, temos a mesma mulher, só que em outro contexto. O deslocamento agora reside no caminhar, enfatiza-se na verticalidade do corpo, em toda a reverberação desses longos pendentes presos a sua cabeça. A cada passo, em direção a uma pequena torre, subindo a escada que lhe dá acesso, o corpo captado pelas imagens em movimento deixa evidente as adaptações que sofre graças a esses elementos que carrega. Um modo de ser e estar que despende uma atenção continuada na manutenção do equilíbrio.

Pensar o modo como o corpo reage a certas estruturas, mais ou menos próximas a ele, nos leva a outro vídeo, *Rastreamento*. Nele temos a ação da artista utilizando martelos para desfazer pedaços de construções, restos de arquiteturas. O vídeo é

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.45
Jan/Jun 2021
e-ISSN: 2179-8001

entrecortado diversas vezes pela frase “A funcionalidade é miliciana”, escrita com caracteres que lembram arranhões na parede e exigem uma fixação do olhar para que a leitura se dê. A ação - o gesto de desfazer a marteladas tais rejeitos - cria uma tensão, uma reação que desafia uma história dada.

A exposição Campo Minado dá sequência a uma tomada de posição da arte feminista na cidade nos anos recentes. É importante a lembrança de que esta nomenclatura reorganiza produções que não necessariamente foram realizadas sob este direcionamento. Historicamente, a pesquisadora argentina María Laura Rosa nos afirma que: “existiram artistas que talvez não tenham se chamado de feministas ou feito parte desses movimentos, mas que criaram trabalhos que hoje podem ser interpretados em relação à teoria da arte feminista” (ROSA, 2018, p. 37).

Esta associação se mantém mesmo nos dias atuais uma vez que alguns trabalhos agregam outras nuances quando tomados sob esta perspectiva. Nesta mostra revelam-se uma série de gestos e acontecimentos que pontuam uma insistência em tensionar antigos padrões culturais limitantes. Produções que desejam reavaliar questões que afetam as mulheres e que estão no cerne da maneira pela qual produzimos e consumimos imagens - aquilo que perpetuamos. Tomamos por imagem, neste momento, tudo que é acionado a partir dos trabalhos, o que os compõem para além do aspecto de uma figuração mais imediata.

Esse conjunto de trabalhos desenha um campo de possibilidades para uma devolução poética a partir de situações traumáticas no contexto das violências patriarcais vividas dentro de um território específico. São propostas maneiras de redefinir espaços que perpassam o corpo, o lar, as ruas, a universidade e aquilo que estes ativam no campo simbólico. A cada trabalho torna-se mais claro o quanto é possível reagir, de forma mais delicada ou incisiva, a estes aspectos levantados, trazendo para o centro diferentes estratégias de ação - delimitações de espaço, onde se concretizam afetividades ou revides.

Ao trazer à tona tais questões, Campo Minado reverbera com outras iniciativas, que vão desde o local ao global e que atualizam discussões que matizam a vivência das mulheres através de gerações, retornando insistentemente, como um trauma que aguarda resolução definitiva. Podemos tomar de empréstimo a proposição da filósofa Judith Butler a respeito da arte no contexto ativista (2017, p.31), de que “um levante sempre cita um outro e é animado por imagens e narrativas do anterior”, e que essa continuidade se dá através de sucessivas tentativas (e por que não fracassos) que apontam para uma mesma direção.

Através do posicionamento desses trabalhos na A Sala há uma inversão espacial na galeria da universidade trazendo para dentro o seu avesso, legitimando reivindicações extra institucionais, possibilitando uma permeabilidade entre as discussões sobre arte e o ativismo. A galeria como uma abertura para gerar essas aproximações junto da Universidade, acolhendo, discutindo e amplificando em seus espaços as movimentações de artistas e ideias.

Campo Minado fala de um lugar que pode, apesar de uma aparente placidez superficial, ser ativado a qualquer momento, como uma explosão ou ameaça silenciosa.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.45
Jan/Jun 2021
e-ISSN: 2179-8001

Ele reafirma um imaginário utópico na intersecção entre arte e feminismo que vem se desenhando em Pelotas.

DADOS DA EXPOSIÇÃO:

Exposição Campo Minado, com curadoria de Alice Porto.

Na Galeria A Sala/Centro de Artes da UFPel, em Pelotas/RS, de 17 maio a 8 de junho de 2019.

Artistas participantes: Amanda de Abreu, Bruna Silva, Camila Cuqui, Fabiana Fa-
leiros, Jessica Porciuncula, Julia Pema, Lua Miranda, Mariane Simões, Martha Gofre,
Rafa, Rafaela Inácio, Stela Kubiaki.

Referências

- ACCARDI, Carla; LONZI, Carla BANOTTI, Elvira. *Manifesto de revolta feminina*. In: PE-
DROSA, Adriano; CARNEIRO, Amanda; MESQUITA, André (org.) História das mulhe-
res, histórias feministas: antologia, vol.2. São Paulo: MASP, 2019.
- BUTLER, Judith. In: DIDI-HUBERMANN, Georges (org). *Levantes*. São Paulo: Edições
Sesc São Paulo, 2017.
- DIDI-HUBERMANN, Georges (org). *Levantes*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.
- PEÑA, Julia Antivilo; MAYER, Mónica; ROSA, María Laura. *Arte ativista e "artivismo" na
América Latina: um diálogo entre três vozes*. In FAJARDO-HILL, Cecilia; GIUNTA,
Andrea (org). *Mulheres radicais: arte latino-americana, 1965-1980*. São Paulo: Pi-
nacoteca de São Paulo, 2018.



Alice Porto dos Santos

Artista Visual e pesquisadora. Doutoranda em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, realizou estágio doutoral na KU Leuven (Bruxelas). Mestre em Artes Visuais pela UFRGS (2015). Especialista em Artes Visuais pela FURG (2012), e Bacharel em Artes Visuais pela UFPel (2009). Trabalha principalmente com gravura, desenho, poesia, arte feminista e publicações de artista.

Kelly Wendt

Artista visual e pesquisadora. Professora Adjunta no Centro de Artes, Bacharelado em Artes Visuais e da Especialização em Artes EAD, UFPel. Doutora em Poéticas Visuais, UFRGS (2017), mestre em Artes Visuais UFSM (2011), especialista em Memória, Identidade e Cultura Material, UFPel (2003), bacharel em Ciências Sociais e Artes Visuais, UFPel (2001-2002). Atuante nas áreas de gravura, fotografia e novos meios.

Martha Gomes de Freitas

Artista visual e pesquisadora. Professora adjunta no Bacharelado em Artes Visuais, Centro de Artes/UFPel. Doutorado em Poéticas Visuais/UFRGS, Mestrado em Poéticas Visuais/UFRGS, especialização em Linguagem Plástica Contemporânea/UEDESC, Graduação em Artes Visuais/UFPel. Tem experiência na área de escultura, instalação, objeto, vídeo e performance.

Texto submetido em: 30/nov/2020
Texto aceito em: 20/jan/2021
Texto publicado em: 12/fev/2021

Como citar: SANTOS, Alice Porto dos; WENDT, Kelly; FREITAS, Martha Gomes de. Campo Minado, uma coletiva em A Sala. *PORTO ARTE: Revista de Artes Visuais*, Porto Alegre, RS, jan-jul. 2021. ISSN 2179-8001.

DOI:<https://doi.org/10.22456/2179-8001.109522>.
